

HESCHEL E A DEMOCRACIA

Fernando Gross é sacerdote católico da Diocese de Santos. Mestre em Teologia pela PUC-SP; Doutorando em Teologia pela PUC-SP, professor no CCDEJ. Membro da Comissão Nacional do Diálogo Católico Judaico – DCJ.

E-mail: grossfernando@gmail.com

Guershon Kwasniewski é rabino pela SIBRA –Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência -. Mestrando em Talmud e Halachá no Schechter Rabbinical Seminary, Jerusalém, Israel. Membro da Comissão Nacional do Diálogo Católico Judaico – DCJ. Um dos responsáveis da CONIB – Confederação Israelita do Brasil- pelo diálogo inter-religioso.

E-mail: rabbiguershon@gmail.com

RESUMO

Por que para Abraham Joshua Heschel era tão importante para a democracia? Por que Heschel acreditava numa conexão entre religiosos judeus e não-judeus, cristãos e outros pela promoção de uma democracia mais atenta aos problemas das pessoas do que pelos interesses próprios? É possível trabalhar juntos responsabilmente pelo cuidado da democracia? Em qual contexto político e religioso viveu Heschel e quais foram as repercussões e consequências do seu pensamento após cinquenta anos da sua morte (1972-2022)? Existem, portanto, motivações e princípios de Abraham Joshua Heschel que persistem e dão frutos ainda na vida religiosa e política de uma sociedade, em favor de uma democracia e convivências melhores.

Palavras-chave: Heschel; Democracia; Judaísmo; Cristianismo; Diálogo Interreligioso.

ABSTRACT

Why democracy was so important for Abraham Joshua Heschel? Why did Heschel believe in a connection between Jewish and non-Jewish religious, Christians and others by promoting a democracy closer to people's problems than for their own interests? Is it possible to work together responsibly for the care of democracy? In what political and religious context did Heschel live and what were the repercussions and consequences of his thinking after fifty years of his death (1972-2022)? There are therefore motivations and principles of Abraham Joshua Heschel who persist and bear fruit still in the religious and political life of a society, in favor of better democracy and coexistence.

Keywords: Heschel; Democracy; Judaism; Christianity; Interreligious dialogue.

Antecedentes da época de Heschel

As circunstâncias históricas tiram o ser humano do seu meio e o condicionam a adaptar-se a novas circunstâncias. A Europa culta tinha virado um campo fértil para o ódio, para a degradação humana até níveis impensados. O homem deixou de ser homem, e começou a ser tratado literalmente pior do que um animal. Os ideais da liberdade, igualdade, fraternidade, os revolucionários princípios da emancipação e iluminismo se esfarelaram por trás de um livro chamado *Mein Kampf* –Minha Luta-.

As Leis de Nuremberg de 1935 pressagiaram o desmoronamento moral, ético, intelectual de uma Alemanha que ainda não se levantava da derrota da Primeira Guerra Mundial. A economia asfixiava o povo, o astral da nação devia mudar, era necessário uma mudança radical. A democracia não era utilizada

para implementar novas ideias, nem para transformar e melhorar a vida de uma geração perdida.

Era necessário criar um cenário, procurar inimigos, insuflar as massas, gerar euforia e, finalmente, coroar um ditador. Já não importava o passado de cada ser humano, nem a sua reputação, nem a sua própria história, nem mesmo a sua lealdade para com a nação, nem os seus direitos, agora seriam considerados à categoria sub-humana.

O desapego da própria família, amigos, emprego, estudos, da própria cidade, maus tratos, expulsões, violência intelectual, perseguição física, exclusão, fome, torturas, doenças, mortes, iriam se tornar cenas cotidianas para um povo e para algumas outras minorias. Foram escolhidos a dedo os mais vulneráveis, os indefesos, aqueles que eram cidadãos considerados de “segunda classe” e aqueles que não tinham para onde ir. Para onde fugir, num mundo com fronteiras fechadas?

A maioria sucumbiu à tragédia, instituindo desse modo a primeira matança industrializada na história da humanidade. A fábrica da morte e do extermínio começaram a funcionar com precisão, sem dar margem para resistências. O corte das liberdades, os aniquilamentos psíquicos e físicos levariam à maior tragédia conhecida pela humanidade.

É nesta realidade que uns poucos quase que milagrosamente conseguiram sobreviver. Foram escolhidos, predestinados, tiveram uma intuição maior que os outros, foi sorte? Entre esses poucos estava Abraham Joshua Heschel, um herdeiro de uma cultura única, descendente de rabinos chassídicos, um ser que transformou o ódio com o qual era cercado em amor profundo pelo próximo. Seja lembrado aqui que Heschel ele próprio viveu os horrores da guerra, sua mãe, irmãs, amigos e parentes foram assassinados, mas não guardou ressentimento, nem foi vingativo. Poderia ter desistido, poderia ter renunciado. *Meshané Makom, meshané mazal*, – quem muda de local, a sua sorte também muda – diz um velho princípio talmúdico.¹

Nos Estados Unidos, Heschel renasceu e fez renascer as suas ideias assim como os velhos ideais desse mundo de onde foi tirado, arrancado, pelas

¹ Cf. Talmud de Jerusalém, Tratado de *Shabat*, 6,12.

circunstâncias históricas. Levantou-se sem ódios e sem ressentimentos, tentou entender ao homem e a esse D-s² que o criara. Colocou D-s e os seres humanos para conversarem nas páginas dos seus livros, nas suas palestras, nas suas aulas, na formação de novos estudantes e rabinos.

Conseguiu o que poucos conseguem, cruzar as fronteiras do seu povo e conversar de igual a igual com aqueles que em muitas oportunidades perseguiam, acusaram os Judeus de Deicídio. Ele os fez enxergar a força de argumentos e fontes, que existia uma origem comum, que o respeito deveria falar mais alto e que as diferenças deviam ser contornadas.

Viver numa das maiores democracias do planeta, sem dúvida, iria lhe influenciar para fundir os valores judaicos com aqueles outros que são comuns a todos os seres humanos: o direito de ser e existir, mesmo que sejam diferentes, o direito de opinar, circular, pensar, votar e escolher representantes, lutar contra aquilo que a sociedade na sua maioria considera errado. Lutar em forma intelectual contra o armamentismo, as guerras, a segregação, o racismo, o ódio infundado.

Heschel já tinha sofrido tudo isso em carne própria, foi marcado a fogo pelo seu passado europeu, e agora desde o palco que se lhe abria nos Estados Unidos, saiu na procura de parceiros que compartilhassem os seus ideais. Martin Luther King Jr. se apresentou no seu caminho, marcharam juntos, vibraram juntos, reivindicaram juntos, sofreram juntos e inspiraram os seus próximos a lutar por um mundo melhor. Espalharam a sua mensagem para todos os continentes, os seus discípulos replicaram o modelo. Conseguiram transcender no tempo com o seu legado.

Hoje existem muitos discípulos dos seus discípulos que levantam as suas bandeiras com os valores pelos quais pregaram, sonharam e lutaram. Os frutos nunca caem longe da árvore, foi o seu orientando no JTS –Jewish Theological Seminary- de New York, o rabino Marshall T. Meyer, que foi para Argentina, fundou o Seminário Rabínico Latino-Americano em 1962 e se juntou às Mães da

² Em respeito ao Tetragrama Sagrado em hebraico será transcrita de forma abreviada o nome de Adonai através das letras D-s neste artigo.

Praça de Maio³ em plena ditadura militar, para reivindicar marchando – assim como Heschel o fez em Selma⁴ – pela liberdade e aparição com vida dos desaparecidos.

O rabino Meyer⁵ não foi sozinho, levou os seus alunos do Seminário Rabínico para marchar juntos. Existia medo, temor e pavor, mas a missão era nobre e valia a pena o risco e o sacrifício. Meyer também desenvolveu o diálogo inter-religioso, aquele mesmo que Heschel tinha desenvolvido junto ao Vaticano, no qual teve um papel fundamental na elaboração da declaração *Nostra Aetate*, onde a Igreja Católica, depois de séculos reconhece que os judeus não mataram a Jesus, e a partir desse momento mudaram para melhor as relações entre ambas religiões.

Não é casualidade, portanto, que o Papa Francisco seja amigo do Rabino Abraham Skorka⁶ – este último discípulo de Meyer e herdeiro direto de Heschel. Os valores democráticos repassados nos discursos e ensinamentos fazem parte da nova geração de rabinos, onde se insere também o autor rabino deste artigo. O cuidado pelo planeta e o meio ambiente, a oposição às ditaduras e a todo tipo de corrupção, a segregação das minorias, os ódios infundados, a fome física, os

³ As Mães da Praça de Maio (em espanhol, Asociación Madres de la Plaza de Mayo) é uma associação argentina de mães que tiveram seus filhos assassinados ou desaparecidos durante o terrorismo de Estado da ditadura militar, que governou o país entre 1976 e 1983. Elas se organizaram tentando descobrir o que ocorreu com seus filhos e começaram a fazer passeatas em 1977 na Praça de Maio, em Buenos Aires, em frente à Casa Rosada, a sede do governo argentino, em desafio público ao terrorismo de Estado do governo, destinado a silenciar toda a oposição política. Vestindo lenços de cabeça branca para simbolizar as fraldas de seus filhos perdidos, as mães marcharam em solidariedade para protestar contra as atrocidades cometidas pelo regime militar. Eles responsabilizaram o governo pelas violações de direitos humanos que eles cometeram durante o período em que estiveram no poder.

⁴ No dia 7 de março de 1965, manifestantes negros caminhavam pacificamente de Selma até Montgomery reivindicando o direito dos afro-americanos irem às urnas, direito esse que foi retirado por conta da segregação racial.

⁵ O Rabino Marshall Meyer, 1930-1993, foi um líder visionário, que em tempos de crise, “revolucionou” o mundo judaico latino-americano. Foi uma das poucas vozes religiosas a enfrentar corajosamente a ditadura militar e a se envolver na luta pelos direitos humanos durante os sangrentos anos que a Argentina viveu entre 1976 e 1983, salvando pessoas em risco, visitando prisões e realizando um trabalho político internacional para a restauração da democracia. Não restam dúvidas de que ele foi influenciado pelo seu professor e mentor no JTS –Jewish Theological Seminary- de New York, Estados Unidos, Abraham Joshua Heschel.

⁶ Rabino Argentino, Professor de Bíblia e literatura rabínica no Seminário Rabínico da Argentina, foi Reitor da instituição. Grande amigo do Papa Francisco, escreveram juntos em 2013 o livro *Sobre o Céu e a Terra* – Grupo Companhia das Letras-, quando Francisco era o Bispo de Buenos Aires, Jorge Mário Bergoglio.

cuidados com a saúde, o respeito e amor pelo próximo, são princípios inquestionáveis e não negociáveis. Entender o direito à religião como um direito humano. A preocupação com o ser e não com o ter. A mesa como um espaço de convívio, respeito, diálogo, construção e elevação espiritual. Entender que o sagrado vive dentro de cada ser humano e se houver respeito entre os seres humano será igualmente respeitada a essência divina presente em cada um.

Quanto mais se afasta dos homens, mais se afasta igualmente de D-s. Uma das suas frases mais impactantes é: “Em uma sociedade livre, alguns são culpados, mas todos são responsáveis” (Heschel, 2002, p. 25). Princípio que todo líder nesta humanidade deveria seguir. É interessante lembrar a entrevista que o rabino Heschel concedeu à televisão, falando sobre a democracia, poucos dias antes de sua morte, falando entre outros assuntos sobre como entendia a política e religião:

A Guerra do Vietnã é, claro, uma questão religiosa. Bem, em primeiro lugar, D'us nos pede justiça e compaixão. O que Ele condena acima de tudo? Assassinato, a matança de pessoas inocentes. Como posso orar quando pesa em minha consciência que compartilho a responsabilidade pela morte de inocentes no Vietnã? D'us parece ser uma pessoa não religiosa, pois lemos as palavras de D'us na Bíblia, veremos que ele sempre se intromete na política e nos problemas sociais. Qual é a maior preocupação da Bíblia? Injustiça para com o próximo, derramamento de sangue. Qual é o maior sonho dos profetas e da Bíblia? A paz. Nenhum filósofo grego, nem de qualquer outro país da terra, nem da Índia, nem da China, foi capaz de pensar o que os profetas sonharam. Eles foram os únicos homens que já em tempos antigos sonhavam que chegaria um tempo em que a guerra seria abolida e haveria paz. Esta é a mensagem dos profetas (HESCHEL, 1987, p. 347-348).

Sobre a sagrada imagem do homem Heschel também afirmou:

Existe em todos os homens uma inclinação para a crueldade e uma inclinação para a bondade. Mas para vencer a má inclinação, precisamos de uma ajuda mais poderosa. E esta ajuda mais poderosa é, creio eu, um pouco de medo e tremor e amor a D'us. Agora D'us é invisível. Mas não podemos viver sem D'us. É por isso que D'us criou um sinal de lembrete, uma imagem. Qual é o significado de homem? Sendo um sinal de lembrete de D'us. D'us é invisível. E, como Ele não pode estar em todos os lugares, Ele criou o homem. Olhando para o homem, nos lembramos de D'us. Qual é a missão do homem segundo a visão judaica? Seja um sinal de lembrete de D'us. Já que D'us é compassivo, seja também o homem compassivo.

Assim como D'us busca significado e justiça, que o homem também se esforce por significado e justiça" (HESCHEL, 1987, p. 349-350).

E, por fim, sobre os políticos, estadistas e líderes Heschel ainda disse:

Não, não sou contra os políticos em sua vocação. Sou contra os políticos em suas táticas. Ao contrário do verdadeiro significado, do significado semântico da palavra político. Considero que o cerne do problema da existência humana é a luta contra a mentira, contra o hábito de mentir. Gostaria de usar uma palavra que talvez tenha sido usada com muita frequência, mas ainda é a palavra mais importante - honestidade, sinceridade ou confiança. A tragédia de nossos tempos é que não confiamos uns nos outros. A regra de ouro de hoje não é "Ame o seu próximo como a si mesmo", mas "Suspeite do seu próximo como de si mesmo". Desconfiamos de todos os políticos, porque sabemos de antemão que eles não pensam o que falam e não falam o que pensam. Quero limitar que sou contra a palavra político. Tenho grande estima pela palavra estadista. É muito interessante, a palavra estadista não é usada. Político é usado, estadista é uma palavra grande. Agora, quanto a fazer o que o povo quer, vou dizer o que o povo quer. Uma das tendências mais fortes de todo ser humano é o desejo de ser enganado. Esse "autoengano" é uma doença muito séria. Sim, queremos ser enganados. A tarefa de um estadista é ser um líder, um educador, e não agradar os desejos do povo contra seus próprios interesses. O grande problema hoje é o hábito de mentir. Vivemos em um mundo cheio de mentiras. E a tragédia é que a juventude - talvez seja bom - descobriu quantas mentiras são contadas diariamente e a tudo momento. Eles não podem aceitar. Se há alguém que eles desprezam, é alguém que seja falso, retoricamente falso. Chamamos isso de lacuna de credibilidade, e o que realmente queremos dizer é mentir (HESCHEL, 1987, p. 355-356).

Depois de ler estes parágrafos, entendemos o porquê de Heschel ser uma figura tão relevante. Morreu há cinquenta anos e com este artigo se deseja humildemente reverenciar a sua bendita memória, mas claramente se percebe como o seu pensamento está mais vigente a cada dia e como pode ser compreendido e estudado nas gerações posteriores a sua existência. Hoje se fala tanto sobre as *fake news*, Heschel falava de mentiras e falsidade. Num mundo de sociedades polarizadas, nada mais conveniente que manter vivo o pensamento e os ensinamentos deste grande homem, considerado por muitos O último dos Profetas.

O que o Rabino Heschel fez deve ser feito hoje novamente

Segundo o Rabino Dr. Michael Marmur, especialista em Educação Judaica pluralista e Direitos Humanos, o grande pensador e ativista judeu da modernidade Abraham Joshua Heschel (1907-1972) “foi um teólogo dos atos, pois conseguia unir com maestria a realização da liturgia própria judaica com o ativismo político na procura de melhorar a vida social” (MARMUR, 2022).

Considerando que, para o Papa Francisco, judeus e católicos precisam agir juntos para um mundo mais fraterno, as duas comunidades têm essa tarefa de lutar contra as desigualdades e promoverem uma maior justiça, para que “a paz não seja uma promessa do outro mundo, mas uma realidade já neste mundo”. Esse discurso aconteceu no último encontro do *World Jewish Congress* (Congresso Judaico Mundial), ocorrido em 22 de novembro de 2022 (NOGARA, 2022). As duas comunidades religiosas têm em comum tesouros espirituais inestimáveis, e isso confirma o que o próprio Papa Francisco já havia afirmado, em 2013, na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), bem como compartilhar com o judaísmo “muitas convicções éticas e a preocupação comum pela justiça e o desenvolvimento dos povos” (PAPA FRANCISCO, 2013).

Para isso vale a pena lembrar novamente outra frase do Papa no recente Congresso Mundial Judaico: “o caminho para a convivência pacífica começa com a justiça que, junto com a verdade, o amor e a liberdade, são as condições fundamentais para uma paz duradoura no mundo”, para juntos recuperar a justiça, frente ao atual pântano de injustiça, que corroi a conviência e devasta o meio ambiente e prejudica enormemente a saúde do planeta Terra. Essas iniciativas exigem de todos coragem, colaboração e criatividade. E isso deve ocorrer justamente nesses períodos conturbados da Guerra entre Rússia e Ucrânia, que o Papa Francisco afirma mesmo ser uma ameaça a ambas comunidades religiosas de judeus e de cristãos, pois esta priva a todos dos afetos, das casas, de seus bens e das suas próprias vidas! Somente na vontade séria de nos aproximarmos e no diálogo fraterno é possível preparar o terreno para a paz. “Como judeus e cristãos, façamos tudo o que for humanamente possível para acabar com a guerra e abrir caminhos para a paz” (NOGARA, 2022).

A proximidade de Abraham Joshua Heschel junto a outras lideranças religiosas

Um dos aspectos importantes da vida e do pensamento de Heschel foi que ele verdadeiramente se “esforçava por analisar as fontes clássicas do judaísmo demonstrando a sua pertinência diante dos problemas modernos, e a Ética deveria ser a conduta dos Judeus em todos os campos da vida social” (WIGODER, 1996, p. 468). Agindo, assim, acabou por desenvolver igualmente um papel muito importante no movimento dos direitos civis e em outras correntes humanistas. No campo do diálogo religioso foi um membro ativo, também no diálogo Judaico-Cristão, influenciando de forma enorme nas várias discussões de alto nível que influenciariam o Concílio Vaticano II, junto ao Cardeal Bea. O professor de história de Princeton, Julian E. Zelizer, escreveu uma biografia política de Heschel que o retrata como “um mentor para ativistas progressistas hoje, sejam religiosos ou não” (ZELIZER, 2021, p. 328).

A emigração de Heschel para a América não foi nada fácil, mas acabou abrindo-lhe diversas opções de pensamento e de ação. Estudou na Polônia, doutorou-se em Filosofia, com especialização em História da Arte e línguas semíticas, na Universidade de Berlin. Em 1938, as coisas começaram a se complicar para Heschel, mas já em 1940, recebeu uma oferta para um cargo no Hebrew Union College do Movimento Reformista em Cincinnati, Ohio. Tornando-se mais ativista politicamente, fez com que outros rabinos reformistas fossem unindo seus esforços pelos direitos civis e pelo ativismo antiguerra nos Estados Unidos.

Líderes religiosos como Heschel e Niebuhr eram vistos como líderes morais. O clero negro se juntava a eles e crescia o núcleo de lideranças do movimento pelos direitos civis. A igreja negra foi uma fonte de inspiração para Heschel. Sua filha, Susannah Heschel, professora de Estudos Judaicos no Dartmouth College, descrevia a afirmação de Heschel: “Meu pai costumava dizer que se há alguma esperança para o futuro do judaísmo na América, ela está com o Igreja negra, porque há uma piedade e religiosidade que ele lembrava ser grande em Varsóvia.”

Heschel é, ainda, lembrado hoje por sua participação na icônica Marcha de Selma para Montgomery em 1965, atravessando a ponte Edmund Pettus.

Junto com ele caminhavam John Lewis, Ralph Abernathy, Martin Luther King Jr., Ralph Bunche e o reverendo Fred Shuttlesworth (junto com uma freira desconhecida), como símbolo de uma coalizão liberal negro-judaica que fez lobby pela legislação de direitos civis que aconteceria em seguida. O que mais de belo se percebia era o compromisso, que ressoava a partir da união das forças religiosas em defesa dos direitos civis. Depois daquela marcha, Heschel escreveu em suas anotações o que se tornou uma de suas falas mais famosas – e seu legado: “Senti que minhas pernas rezavam”. Esta citação ainda hoje é utilizada por rabinos engajados no ativismo civil e nos direitos humanos. A amizade e aliança de Heschel com Martin Luther King Jr. se estendeu muito além da marcha de Selma, assim como seu envolvimento com o movimento dos direitos civis em geral.

Outro ativista dos direitos civis, o filósofo e teólogo Cornel West citou a clássica obra de Heschel “Os Profetas” como reveladora de que o propósito da profecia é vencer a insensibilidade, mudar o homem interior, bem como revolucionar a história. Nessa sua grande obra a respeito dos Profetas bíblicos, Heschel chega até mesmo a citar que o *pathos* de Deus não era considerado uma espécie de febre da mente que, desconsiderando os padrões da justiça, culmina em ação irracional e irresponsável”. Nos caminhos de Deus existe sempre a justiça; a Bíblia insiste sobre isso repetidamente, pois o próprio Deus é a fonte da justiça. Para Heschel o “*Pathos* divino é igualmente o seu *Ethos*, seu *pathos* é ético e esse *ethos* está cheio de *pathos*. O *Pathos* e o *Ethos* em Deus não existem lado a lado, nem se opõe um ao outro; mas envolvem e pressupõe-se um ao outro” (HESCHEL, 2001, p. 290).

Outro jesuíta ativista antiguerra, padre Daniel Berrigan, comentou após ter-se encontrado com Heschel e sua família num seder de Páscoa da família Heschel: “A comida estava excelente; as orações de intercessão — pelo fim da guerra, pela paz que excede todo o entendimento, pelas vítimas da guerra, em nosso país, pelas vítimas em todos os lugares; essas eram as orações fervorosas de Heschel - e as minhas também. Este era um ecumenismo que eu poderia levar a sério”. Para Abraham Joshua Heschel, o ritual religioso estava ligado a um judaísmo profético, que exigia que cada pessoa se envolvesse com o mundo e buscasse melhorá-lo (MORT, 2022).

A essa melhora do mundo novamente o Papa Francisco faz menção no Congresso Judaico Mundial de novembro de 2022: “nossas iniciativas políticas, culturais e sociais para melhorar o mundo - o que vocês chamam de 'Tiqqun Olam' - não terão sucesso sem oração e abertura fraterna a outras criaturas em nome do único Criador, que ama a vida e abençoa os pacificadores” (NOGARA, 2022).

Heschel, sofrendo de doença cardíaca e hepatite, morreu em 22 de dezembro de 1972, enquanto dormia. Naquela época, ele ainda estava totalmente engajado no ativismo contra a guerra do Vietnã. Dois meses depois, sua última entrevista na televisão com Carl Stern, da NBC News, foi ao ar. Heschel disse ao público: “Eu diria que Deus parece ser uma pessoa não religiosa. Ele sempre mistura política com suas questões sociais”, provavelmente sorrindo, ao dizer isso.

O já citado rabino Michael Marmor, um notável estudioso de Heschel no Hebrew Union College em Jerusalém, que é presidente do movimento Rabinos pelos Direitos Humanos (*Rabbis for Human Rights*), passa alguns de seus sábados nos Territórios Autônomos Palestinos, ajudando fazendeiros palestinos a proteger suas terras de colonos judeus hostis e coloca o legado de Heschel desta forma: Se você levar a sério os ensinamentos de Heschel, é preciso encontrar a barricada apropriada para seguir em frente.

No capítulo final da sua obra intitulada “Abraham Joshua Heschel: uma vida de Radical Espanto” (*a Life of Radical Amazement*), Zelizer examina o legado de Heschel e observa que ele ajudou a abrir espaço para vozes religiosas progressistas no cenário nacional e internacional, mesmo quando forças conservadoras tentaram reivindicar a igreja e a sinagoga para si mesmas. Claro, como Zelizer lamenta, hoje a religião na esfera pública é amplamente capturada por um movimento conservador, que promove “um ponto de vista religioso profundamente diferente que restringe em vez de expandir os direitos civis e humanos. O exemplo de Heschel nos mostra um caminho diferente a seguir” (MORT, 2022).

Proximidade ligada à Responsabilidade Social

É assim que Heschel liga o termo responsabilidade social como a tradução geralmente empregada pela expressão hebraica de *Derech Eretz*. Em seu livro “A Torah Celeste” (*Heavenly Torah*) Heschel relembra que esse termo pode se referir tanto às ocupações mundanas, como para as realidades sociais, até mesmo quanto às relações conjugais. “O denominador comum de todos esses significados é, na verdade, a qualidade do engajamento numa atividade cotidiana ou numa interação social num modo construtivo” (HESCHEL, 2007, p. 779).

Liberdades civis

“As orações podem enriquecer nossa percepção do mundo e a nós mesmos. Na oração, como na poesia, nós nos voltamos para as palavras, não para usá-las como sinais para as coisas, mas para ver as coisas na luz das palavras” (KAPLAN, 2007, p. 164). Deus voltará para nós quando estivermos dispostos a deixá-Lo entrar – em nossos bancos e fábricas, em nosso congresso e clubes, nos tribunais e comitês de investigação, em nossos lares e teatros. Para Heschel, a Teologia era inseparável das questões éticas. A tarefa do ser humano é “reconciliar liberdade com serviço, razão com a fé”, como afirma em sua obra “Uma análise da Piedade” (*An Analysis of Piety*). Um poema prosa muito bem construído para fazer ressoar as aspirações religiosas modernas (KAPLAN, 2007, p. 33).

Política estrangeira

Abraham Joshua Heschel atacava abertamente as políticas governamentais que fossem justificadas pelos próprios interesses antes que por uma generosidade democrática. Ele afirmava que “a ajuda externa, quando oferecida a países subdesenvolvidos, com o objetivo de conquistar amigos e influenciar pessoas, acaba sendo como um bumerangue. Não deveríamos aprender a separar a conveniência da caridade?” (KAPLAN, 2007, p. 184).

Promoção da democracia

Segundo o periódico mensal *Jewish Forum*, em New York, Heschel era alguém dedicado a salvaguardar a democracia pela ajuda unida de judeus e não-judeus, sugerindo uma política editorial de mente aberta (KAPLAN, 2007, p. 158). Poderia haver igualmente para os dias de hoje a “certeza de existir mais

do que esperança” – parafraseando a mensagem que o então Papa João XXIII disse para Jules Isaac sobre uma possível declaração conciliar sobre os Judeus, poderia, ainda hoje, nesse contexto em que se vive, poder ouvir tal declaração a respeito de uma democracia mais atenta aos direitos humanos e à liberdade religiosa? Assim como a Igreja pôde no Concílio Vaticano II, “finalmente abandonar o milenar ensinamento antijudaico” (KAPLAN, 2007, p. 240), pode-se de fato ter a esperança de terem sido defendidos os direitos de outros grupos sociais, religiosos e o respeito às outras raças?

Assim como a união entre o Cardeal Bea que “enfatizava sua esperança pela continuidade da cooperação do Rabbi Heschel e membros da Comissão Judaica Americana, que contribuíram tão significativamente para remover as bases do desentendimento entre Católicos e Judeus” (KAPLAN, 2007, p. 250), é preciso zelar e trabalhar pela continuidade da cooperação e da remoção das bases do desentendimento em outras esferas públicas. Judeus e Cristãos podem juntos trabalhar em favor de ações éticas comuns preciosas e válidas para as duas comunidades religiosas.

Responsabilidade e cuidado pela democracia:

Afirmava Heschel: “Não existe nada de mais vil como a arrogância de uma mente militar. De todas as pragas com as quais o mundo é amaldiçoado, de todas as doenças, o militarismo é o que há de pior: o assumir que a guerra é uma resposta para os problemas humanos” (KAPLAN, 2007, p. 299).⁷

Como sofreu a democracia na última eleição brasileira de 2022 com pedidos em favor do retorno da ditadura militar. O Papa Francisco mesmo se dirigindo aos ilustres líderes das Igrejas cristãs e das Religiões mundiais lembra o “grito”, que se levanta, porque a paz está gravemente violada, ferida, espezinhada. “A paz está no coração das Religiões, nas suas Escrituras e na sua mensagem” (PAPA FRANCISCO, 25/10/2022).

Na mesma mensagem dirigida durante o encontro de oração pela paz, o Papa afirma que, a começar pelos governantes, todos devem se inclinar para ouvir com seriedade e respeito o grito pela paz, que se eleva a partir do coração das mães, inscrito nos rostos dos refugiados, das famílias em fuga, dos feridos

⁷ Kaplan cita a obra de Heschel no ano de 1966 chamada “O ultraje moral do Vietnam”.

e dos moribundos. Esse grito merece ser ouvido. Citando a Encíclica Fratelli Tutti, lembra também que “cada guerra deixa o mundo pior de como o encontrou. A guerra é um fracasso da política e da humanidade, uma vergonhosa rendição, uma derrota perante as forças do mal” (PAPA FRANCISCO, 2020).

Heschel, cinquenta anos depois da sua morte, continua ainda a fazer refletir sobre a procura de outras alternativas, mais humanas e mais sensatas do que as ditaduras e as guerras. “Ele passou de uma postura de neutralidade acadêmica para uma de compromisso político engajado” (KAPLAN, 2007, p. 299). Como cidadão e como líder religioso não podia se calar de forma negligente diante do sangue derramado do seu próximo (cf. Lv 19,16). Em sua época declarou pública oposição contra a Guerra do Vietnam como uma obrigação religiosa, um supremo mandamento! E embora a lei religiosa judaica indique que se deva obedecer às normas e às regras do país em que vivam, também é certo de que “Sempre que um decreto seja inequivocamente imoral, tem-se, no entanto, o dever de desobedecê-lo” (KAPLAN, 2007, p. 299).

Diante de situações tão adversas, o Papa Francisco, em diálogo com 19 jesuítas, fala sobre a 3ª Guerra Mundial em pedaços, que se está vivendo agora, desde fevereiro de 2022. Diz que não se trata de uma Guerra somente entre Ucrânia e Rússia. Mas que é preciso libertar os corações do ódio e o que é preciso fazer é demonstrar proximidade. Esta é a palavra-chave: permanecer perto, ajudando as pessoas que sofrem. Esse é o estilo de Deus. Lemos isso no Deuteronômio: “Qual nação grande tem os deuses tão próximos a si mesmos, como o Senhor, nosso Deus, está perto de nós toda vez que o invocamos?” (Dt 4,7). “O estilo de Deus é a proximidade” (PAPA FRANCISCO, Viagem ao Cazaquistão – Jesuítas, setembro 2022).

Heschel comentava a respeito da Guerra dos Seis dias em 1967, dizendo sobre “quais ouvidos poderia ficar surdos diante dos gritos das mães e esposas, cujos filhos e maridos nunca voltarão para casa?” (HESCHEL, 1987, p. 214). A compaixão do SENHOR está acima de todas as suas obras (cf. Salmo 145,9). A importância de cada vida humana era fundamental para Heschel: “Nós lamentamos a perda das vidas, a devastação, os frutos da violência. Nós lamentamos as mortes de Judeus, de Cristãos, de Muçulmanos. Os gritos de angústia não se perderão em nossas consciências” (HESCHEL, 1987, p. 214).

E Heschel revela-nos, por fim, um pouco da intimidade divina, quando relembra que diante das canções de júbilo feitas pelos filhos de Israel no Mar Vermelho, enquanto os egípcios que os tinham escravizado afundavam, “os anjos jubilavam e queriam cantar também uma canção de louvor e triunfo. Mas Deus, o Pai de todos, disse aos anjos: ‘Minhas criaturas estão se afogando – e vocês cantam!’”.⁸

Para Heschel era bastante claro que o desejo da democracia pode ajudar a trazer paz e reconciliação. “Violência adia problemas, não os resolve. E que somente por meio de boa vontade e plena cooperação entre as nações (...) soluções construtivas poderão ser de fato encontradas” (HESCHEL, 1987, p. 217). Para ele, a “Palavra de D-s dura para sempre” (cf. Is 40,8) e que resulta numa experiência de exaltação e de gratidão “deve ser canalizada para um compromisso duradouro” para com o próprio D-s e para com toda a humanidade (HESCHEL, 1987, P. 217).

Abraham Joshua Heschel fez-se próximo a tantos líderes religiosos judeus e não-judeus, e isso em defesa da democracia e do povo. Seus exemplos inspiram até hoje a uma proximidade e defesa, de cuidado da democracia contra as guerras absurdas que ocorrem em todos os tempos e que promova de fato convivências melhores entre os povos, todos irmãos. Esse era o pensamento de Heschel, quando lembrava que, no tempo do profeta, Isaías havia muitas guerras mortais entre Egito, Assíria e que estas grandes nações se odiando entre si eram ambas inimigas de Israel. Mas o “Deus de Israel é também o Deus da Assíria e o Deus do Egito. E que a inimizade entre as nações irá tornar-se em amizade. Elas viverão juntas quando elas servirem juntas. Esta é a nossa esperança, nossa oração, nosso objetivo (Cf. Sofonias 3,9) (HESCHEL, 1987, p. 218). Estes são ainda hoje frutos do pensamento de Heschel que muitas pessoas esperam, rezam e trabalham para produzi-los, partilhá-los e saborearem juntos o sabor de democracias, que promovam a vida divina e justa revelada nas Escrituras Sagradas e traduzida na vida integral dos homens e mulheres de boa vontade, em favor de toda a Criação.

Referências

HESCHEL, Abraham Joshua. **The Prophets**. New York: Harper Collins Publishers, 2001 (publicação original 1955).

⁸ Talmud, tratado *Megillah* 10b.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Israel: an Echo of Eternity**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1987.

HESCHEL, Abraham Joshua. **La democracia y otros ensayos**. Buenos Aires: Ediciones Seminario Rabinico Latinoamericano, 1987.

HESCHEL, Abraham Joshua. **O último dos Profeta, uma introdução ao pensamento de Abraham Joshua Heschel**. São Paulo: Manole, 2002.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Heavenly Torah**. As refracted through the Generations. London: Bloomsbury Publishing, 2007.

KAPLAN, Edward K. **Spiritual Radical**. Abraham Joshua Heschel in America, 1940 – 1972. Michigan: Yale University Press/New Haven & London, 2007.

MARMUR, Michael. In: Cursos: **Judaísmo sem Deus?** (academiajudaica.org). Acesso em 01/12/2022.

MORT, Jo-Ann. A vida notável do rabino Abraham Joshua Heschel deixa pouca dúvida sobre o que ele estaria fazendo hoje. In: **'To Conquer Callousness.'**: **Democracy Journal**. Acessado em 28/11/2022.

NOGARA, Jane. In: Papa: judeus e católicos juntos para um mundo mais fraterno - **Vatican News**. Acesso 01/12/2022. PAPA FRANCISCO. [Encontro de Oração pela Paz \(25 de outubro de 2022\) | Francisco \(vatican.va\)](#). Acesso em 29/11/2022.

PAPA FRANCISCO. **Encíclica Fratelli Tutti**, n° 261. Fratelli tutti (3 de outubro de 2020) | [Francisco \(vatican.va\)](#). Acessi em 29/11/2022.

PAPA FRANCISCO. ["Liberare i cuori dall'odio". Papa Francesco con i gesuiti della Regione russa in Kazakistan | La Civiltà Cattolica \(laciviltacattolica.it\)](#). Acesso em 29/11/2022.

PAPA FRANCISCO. *A Alegria do Evangelho* (Evangelii Gaudium). [NFC-Exortacao-Apostolica-evangelii-gaudium.pdf \(puc-campinas.edu.br\)](#). Acesso em 01/12/2022.

WIGODER, Geoffrey. *HESCHEL, Abraham Joshua*. In: Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme. Paris: Cerf/ Robert Laffont, 1996.

ZELIZER, Julian E. **Abraham Joshua Heschel: a Life of Radical Amazement**. Michigan: Yale University Press, 2021.